



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

#NãoTiraOBatomVermelho

**Como o vlog JoutJout Prazer contribui para a propagação do feminismo
nas redes sociais da internet**

Maria Elisa Reinaldo de Medeiros

Brasília – DF/2015



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

#NãoTiraOBatomVermelho

Como o vlog JoutJout Prazer contribui para a propagação do feminismo nas redes sociais da internet

Maria Elisa Reinaldo de Medeiros

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise de conteúdo sobre o vídeo "Não Tira o Batom Vermelho" protagonizado pela vlogueira e jornalista Jout Jout Prazer, com o intuito de averiguar em sua linguagem a presença de elementos do discurso feminista, utilizando teorias feministas modernas como embasamento científico para justificar os objetivos desta análise.

Palavras-chave: vlogs, redes sociais, YouTube, feminismo, análise, vídeos, movimentos sociais.

Maria Elisa Reinaldo de Medeiros

Brasília - DF/2015

#NãoTiraOBatomVermelho

Como o vlog JoutJout Prazer contribui para a propagação do feminismo nas redes sociais da internet

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Graduação em Comunicação Social da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Publicidade e Propaganda.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Liliane Maria Macedo Machado - UnB

Orientadora

Profa. Dra. Janara Sousa - UnB

Avaliadora

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldês

Avaliadora

Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino

Avaliador

Agradecimentos

Dedico este trabalho primeiramente aos meus familiares, em especial à minha mãe, que foi a primeira mulher deste mundo a me estender sua mão e me confortar em seu colo. Ao meu pai, que sempre me incentivou a buscar meu lugar no mundo. À minha irmã, que sempre se preocupou com o meu bem-estar. Agradeço a todos por estarem sempre ao meu lado em todas as jornadas desta vida.

Dedico também aos meus amigos de faculdade, em especial ao Lucas Suassuna, à Marianna Nascimento, ao Jonathas Wallace e à Liana Leite, que sempre procuraram mais do que uma palavra de conforto nas horas difíceis e nunca deixaram de comemorar uma conquista sequer ao meu lado. A vocês, tenho uma gratidão imensa que nem todos os parágrafos do mundo poderiam comportar.

Ao Fellipe, que, como meu melhor amigo e meu companheiro, me incentivou todos os dias a ser quem e o que eu quisesse ser. Que me segurou quando eu caí e me mostrou como era possível voar cada vez mais alto. Obrigada por estar ao meu lado nesses 365 dias de alegrias e sofrimentos. Vencemos mais uma etapa juntos.

À Julia Tolezano, que me ensinou a ser uma pessoa melhor e nunca, jamais, tirar o meu batom vermelho (a não ser que eu queira fazer isso). Obrigada por ser mais uma mulher incrível neste mundo. Você é um dos melhores seres humanos que existem.

À minha professora orientadora, Liliane Machado, que me proporcionou o contato com o universo teórico feminista e me ajudou a decidir quais seriam os melhores caminhos a tomar. Que permaneceu solícita mesmo nos momentos em que quase desisti de enfrentar este trabalho.

Às professoras Elen Geraldês e Janara Sousa, e ao professor Fernando Paulino, que aceitaram com entusiasmo o meu convite para participarem da conclusão de mais uma etapa da minha vida.

E, por fim, às mulheres que não se calam. E jamais nos calaremos.

Sumário

Introdução	7
Tema e Problematização	10
1. A era do "Eu Que Mando"	15
1.1 - As redes sociais na Internet e a socialização através dos computadores.	15
1.2 - "Transmita Você Mesmo" - O que são os vlogs.	20
1.3 - Linguagem e influência.....	23
2. A renovação de identidades através dos feminismos	29
2.1 - De onde vem e para onde vai	29
2.2 - As redes sociais como plataforma de auxílio na propagação dos discursos feministas	38
3. Metodologia	42
4. Jout Jout Prazer: uma nova voz nas redes sociais da internet	45
4.1 - A origem do vlog Jout Jout Prazer	45
4.2 - Uma mancha de batom na luta pelos direitos iguais.....	48
Considerações Finais	57
Referências Bibliográficas	60

Introdução

A quem interessa calar a voz das mulheres no séc. XXI? A sociedade contemporânea está se tornando cada dia mais arcaica? Com estas questões, iniciamos nossa discussão acerca da interpretação dos direitos das mulheres nos padrões construídos pelas sociedades ao longo dos anos.

Estamos vivenciando uma nova jornada dos meios de comunicação. A distância não é mais um obstáculo para o diálogo. A rápida transmissão de informações através dos meios digitais permite um contato tão próximo quanto ir à casa de um vizinho. A conectividade entre as pessoas cria diariamente novas relações humanas, alimenta discussões, constrói opiniões, e transforma os padrões sociais.

Os meios de comunicação são responsáveis pelas inúmeras formas de nos expressar. Podemos inferir que é através deles que encontramos formas de construir nossa permanência como sujeito em uma sociedade. De certa maneira, eles são os responsáveis pela nossa existência social, pela nossa visibilidade nas relações que desenvolvemos.

São nesses que meios que podemos observar o desenvolvimento de ideologias e de representações sociais¹ capazes de gerar opiniões sobre temas e assuntos que estão presentes em diversas camadas da sociedade, como a política, a economia, a cultura etc. Devemos levar em consideração que as pesquisas acadêmicas, que outrora estavam distantes da maioria das pessoas, hoje são disponibilizadas por sábios amadores nas redes sociais.

Esse é o caso das teorias feministas e de gênero, bem como dos movimentos feministas que impulsionaram os direitos políticos das mulheres, liderado pelas sufragistas, que reivindicavam o sufrágio universal (o direito igualitário ao voto para homens e mulheres). Aqui, a questão principal não era

¹ Teoria das Representações Sociais - TRS - proposta por Moscovici em seu livro *La Physicanalyse, son image, son public* em 1961, na França. A teoria propõe um conceito de problematização do dinamismo e diversidade do pensamento social, partindo da premissa da existência das diferentes formas de se comunicar e adquirir novos conhecimentos, guiadas por objetivos diferentes, e que a coexistência entre o consenso e o saber científico proporciona diferentes universos que não devem ser subestimados em detrimento do outro.

apenas o sufrágio, mas as imposições de inferioridade que as mulheres sofriam há centenas de anos.

Nesta época, assim como atualmente, suas problemáticas ocupam diversas perspectivas. Carregam os traços de seus contextos socioculturais, marcadas profundamente pelas culturas intelectuais e organizacionais dos grandes centros onde surgiram: Estados Unidos, França e Grã-Bretanha. (Descarries, 2000, p. 15)

Hoje, o avanço da pluralidade dos Estudos Feministas e de Gênero, permite sua inserção em diversos âmbitos, projetando-os em múltiplas dimensões. As diferentes facetas ocupadas pelos movimentos feministas e de gênero são fruto de incessantes batalhas contra as limitações impostas por padrões arcaicos e discriminatórios.

Este trabalho tem como intuito analisar a presença do discurso feminista nos meios digitais de comunicação, e qual o poder de influência destes meios nesta propagação, analisando o conteúdo de mensagens audiovisuais publicadas em redes sociais da internet. A análise é voltada especificamente para a produção de conteúdo da vlogger Julia Tolezano no vídeo **Não Tira o Batom Vermelho**.

Pretendo identificar os elementos de linguagem utilizados por Julia para abordar um assunto que está inserido dentro do universo feminista. Esta análise será feita para buscar a resposta de uma hipótese: é possível afirmar que o conteúdo do vídeo **Não Tira o Batom Vermelho** beneficia o movimento feminista dentro e fora das redes sociais da internet?

Outra questão de valiosa importância para este trabalho é: a informalidade da linguagem utilizada nas redes sociais da internet deslegitima a luta social e o caráter teórico que caracteriza os movimentos feministas e de gênero? No decorrer desta dissertação, poderemos avaliar qual a influência destes meios digitais na propagação do discurso promovido pelos feminismos.

Dentro da problematização do tema, abordada no próximo item deste trabalho, é possível encontrar um panorama sobre as principais teóricas feministas utilizadas no embasamento científico dos demais capítulos.

Adiante, no primeiro capítulo da dissertação, intitulado "A era do 'Eu Que Mando'", abordo o que são as redes sociais na internet, utilizando o livros e artigo da autora Raquel Recuero como principal fonte bibliográfica para retratar os personagens sociais desenvolvidos nas relações virtuais. No segundo item do capítulo, abordo, especialmente, o YouTube e o surgimento dos vloggers, sendo estes os usuários que utilizam a rede social como um canal para exporem seus pontos de vista e narrarem a própria vida para o seu público, por meio de conteúdos audiovisuais editados de forma simples e objetiva.

No segundo capítulo, chamado "A Renovação de Identidades Através dos Feminismos", faço uma discussão sobre a evolução dos Estudos Feministas e de Gênero com o passar dos anos e como a sua presença nos meios de comunicação trouxe um sensível progresso à acessibilidade de informações a respeito de suas principais causas, exemplificando com algumas situações em que as mulheres puderam comunicar, de forma objetiva, suas angústias e interesses, e puderam reivindicar ainda mais diretamente por seus direitos, utilizando os novos meios de comunicação como o palco da defesa de suas causas.

No terceiro capítulo, apresento a metodologia utilizada na construção desta monografia, sendo ela a análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin em seu livro *Análise de Conteúdo*. O método consiste em analisar a linguagem utilizada por um emissor na transmissão de uma mensagem e, posteriormente, na avaliação dos efeitos surtidos no público após a sua propagação, ou seja.

No quarto e último capítulo deste trabalho, intitulado "Jout Jout Prazer: Uma nova voz nas redes sociais da internet", proponho a análise de conteúdo do vlog centrada no vídeo **Não Tira o Batom Vermelho**. Apresento um panorama geral sobre a vida da vlogger e também sobre a sua participação nas redes sociais da internet. Em seguida, realizo a exploração do material (o

próprio vídeo), categorizando os elementos abordados, a linguagem e a sua relação com as teorias feministas descritas nos capítulos anteriores.

Tema e Problematização

A luta das mulheres para se posicionarem mediante a sociedade tem ocorrido de forma dinâmica, com avanços e recuos ao longo dos séculos. Segundo a Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã, proposto pela jornalista e historiadora Olympe de Gouges (pseudônimo de Marie Gouze), em 1791, em seu Artigo 1º, “A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos dos homens. As distinções sociais só podem basear-se no interesse comum.” Já em meados do séc. XIX, o feminismo tomou impulso no Reino Unido e nos Estados Unidos, onde as mulheres exigiam seus direitos políticos de sufrágio, igualdade nos direitos contratuais e de propriedade e reivindicavam o fim de casamentos arranjados. Esta foi denominada a "primeira onda" do feminismo, que trouxe à tona condições vivenciadas pelas mulheres que não eram vistos como direitos básicos de autonomia de uma participante da sociedade.

O movimento feminista foi sem dúvida um dos responsáveis pela politização da vida privada, ao desvendar as relações de poder embutidas no convívio entre homens e mulheres, na família, na cama além da esfera pública em geral. (Arruda, 2000, p. 113)

Sendo assim, homens e mulheres deveriam estar em comum acordo para a tomada de decisões sociais, políticas e econômicas em uma dada sociedade. Entretanto, a realidade vivida através dos séculos mostra uma dura batalha contra a opressão e a misoginia afim de que as mulheres ocupem o seu merecido espaço.

Não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade ou em um dado momento histórico. (Louro, A emergência do gênero, 1997, p. 21)

Dadas as circunstâncias da globalização e do desenvolvimento tecnológico, bem como de impacto sócio-cultural, as mulheres encontram-se num momento fortemente favorável para expressarem suas opiniões acerca de sua posição na sociedade, através da internet e suas redes sociais mais populares. Devemos, é claro, considerar que o processo de conquistas dos movimentos feministas veio através de diversas polêmicas e debates, ainda mais relevantes a partir da década de 1960, quando muitos estudiosos e estudiosas passaram a considerar gênero e sexualidade como elementos independentes entre si. Segundo Francine Descarries:

As últimas décadas têm sido o teatro do renascimento do movimento feminista em várias regiões do mundo. Desenvolveu-se como mentor de um reagrupamento democrático sem precedentes, contestando a onipresença das categorias de sexo e na estruturação das sociedades, bem como discurso crítico das condições de produção e de reprodução das relações sociais de sexo. (Descarries, 2000, p. 9)

Diante disso, nos próximos capítulos deste trabalho, abordaremos com maior profundidade os percursos percorridos pelos movimentos feministas e de gênero nas últimas décadas, bem como sua inclusão na sociedade contemporânea e sua participação nas redes sociais da internet, visando analisar o conteúdo proposto pela jornalista, colunista e *vlogueira* Julia Tolezano, de pseudônimo Jout Jout.

Julia Tolezano possui um canal na rede social YouTube, com o propósito de quebrar regras e tabus acerca das identidades de gênero e das imposições determinadas sobre o comportamento "biológico" dos seres humanos. Aborda assuntos como a sexualidade e intimidade feminina. Abusos psicológicos contra as mulheres, entre outros assuntos, que muitas vezes, são considerados polêmicos por tratarem de tabus do universo das mulheres, e que, raramente, foram externados publicamente.

Atualmente, grande parte das mulheres que possuem canal no YouTube abordam assuntos necessariamente ligados a comportamentos de beleza e

estética, colocando a independência das mulheres em relação aos padrões sociais como segundo plano. Julia está inserida em um contexto predominantemente masculino, haja visto que a grande maioria dos vlogs sobre situações cotidianas são liderados por homens que, muitas vezes, objetificam ou tratam de forma pejorativa as mulheres que estão inseridas neste mesmo meio virtual.

Embora a *vlogueira* Julia não levante a bandeira do movimento feminista, ela declara-se simpatizante a todo movimento ativista em prol da liberdade das minorias. Estariam seus ideais ajudando na propagação do feminismo, por quebrarem tabus, reforçando que a liberdade política, sexual, cultural e econômica é um direito das mulheres tanto quanto é para os homens?

No vídeo **Não Tira o Batom Vermelho**, que será o conteúdo analisado por este trabalho, Julia mostra às mulheres como identificarem se estão ou se já estiveram em um relacionamento abusivo, apontando comportamentos de seus parceiros que são, normalmente, aceitos pela cultura patriarcal, mas que, segundo ela, não deveriam, sequer, serem reproduzidos em um relacionamento saudável. Muitos quesitos apresentados por Tolezano em seu vídeo caminham paralelamente aos Estudos Feministas analisados por Descarries.

(Os Estudos Feministas) Apresentam-se como críticas epistemológicas dos vieses sexistas do saber e de sua pretensa neutralidade; como refutação dos modelos teóricos dominantes, propostos para pensar e dizer às mulheres e suas vidas; como interrogações sobre a condição das mulheres e sua posição na história; como escrita literária para escapar ao fechamento e à exclusão da linguagem androcêntrica; como reflexões políticas engajadas em prol de um ideal democrático e de transformação das instituições sociais que legitimaram e atualizaram, no decorrer do tempo, a construção social e cultural dos sexos. (Descarries, 2000, p. 11)

Para a realização do vídeo, a vlogueira entrou em contato com centenas de mulheres participantes de grupos fechados na rede social Facebook, buscando histórias sobre os relacionamentos vivenciados e identificando comportamentos abusivos de seus parceiros ou parceiras. Diante disso, Julia identificou a necessidade de trazer à tona um debate esquecido ou ignorado pela maioria dos meios de comunicação: como identificar e lidar com os diversos tipos de violência que atingem os relacionamentos.

Em sete dias, o vídeo atingiu cerca de 50.000 visualizações no YouTube, e em cinco meses, a postagem já atingiu mais de 1 milhão de visualizações em todo o mundo, dando a milhares de mulheres uma grande oportunidade de se identificarem com seus próprios relacionamentos e finalmente darem um basta ao sofrimento em detrimento à própria felicidade. Descarries ressalta a importância do fluxo de informações para que a propagação dos discursos chegue ao conhecimento das mulheres:

[...] os Estudos Feministas contribuem assim à renovação dos saberes, à instauração da incerteza face à pretensa objetividade das ciências instituídas, à transformação das práticas e à formulação de uma visão outra da sociedade." (Descarries, 2000, p. 11).

A proposta de Julia é, portanto, facilitar o acesso à informação para os usuários de redes sociais na internet, utilizando ferramentas para criar debates acerca dos assuntos há muito polemizados.

Aproveitando o cenário cada dia mais favorável ao posicionamento das mulheres na sociedade, esse trabalho possui como objetivo analisar o conteúdo do vídeo supracitado e as reações diversas observadas nas redes sociais durante a sua propagação após a publicação no YouTube, relacionando aos estudos acerca das mulheres, realizados pelas autoras Guacira Lopes Louro, Tania Navarro, Francine Descarries e Angela Arruda.

Este trabalho possui como principal relevância acadêmica a discussão sobre a presença cada vez maior da formulação das teorias feministas nos meios de comunicação, ainda que de forma coloquial, e como a sua

participação nas redes sociais da internet está exercendo uma maior acessibilidade às informações sobre a defesa de suas causas.

O vídeo escolhido como objeto de estudo foi assim designado por conter em sua linguagem alguns elementos de causas defendidas pelos movimentos feministas. Por meio deles, muitas mulheres puderam reconhecer suas próprias histórias, gerando assim, em poucos dias, um grande número de visualizações e compartilhamentos na internet.

Essa rápida movimentação é o alvo da análise fenomenológica proposta por este trabalho. O resultado da propagação da mensagem deste conteúdo pode trazer à sociedade, e, principalmente, às mulheres, consequências positivas na busca pelos direitos das mulheres.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a propagação dos ideais feministas nas redes sociais da internet de acordo com a linguagem utilizada pelo vlog ***Jout Jout Prazer***, protagonizado pela jornalista Julia Tolezano na rede social de compartilhamento de vídeos YouTube.

Os objetivos específicos deste trabalho que deram origem ao objetivo geral do mesmo, são:

- Realizar um panorama geral do alcance das redes sociais da internet no Brasil, com foco na importância do YouTube para os usuários;
- Elencar as principais teorias feministas modernas e identificar a presença das mesmas no meio digital;
- Analisar o conteúdo do vídeo ***Não Tira o Batom Vermelho***, publicado no vlog supracitado, com o intuito de verificar se a sua proposta está ou não beneficiando os feminismos a se propagarem nas redes sociais da internet.

1. A era do “Eu Que Mando”

1.1 – As redes sociais na Internet e a socialização através dos computadores.

Devemos iniciar este capítulo com uma questão por vezes respondida de forma generalizada: de onde surgiu a internet? E, ainda, qual a sua função nos meios de comunicação?

A Internet é fruto de um projeto de pesquisa militar realizado durante o período da guerra fria, pela ARPA (Advanced Research Project Agency), órgão de inteligência ligado ao Departamento de Defesa das Forças Armadas dos Estados Unidos. A função primordial do que ficou conhecido como ARPAnet era viabilizar a comunicação entre os centros militares norte-americanos que estavam dispostos ao redor do mundo.

O pesquisador que desencadeou a criação deste meio de comunicação foi Paul Baran, que concebeu uma maneira de fragmentar os códigos de informações durante o seu trajeto, mas que chegassem inteiros e inteligíveis ao seu destino. Para o presidente Eisenhower, que comandava o governo dos Estados Unidos à época, a criação da ARPAnet era uma resposta direta ao lançamento do satélite Sputnik pelos soviéticos em 1957.

Os pesquisadores envolvidos no projeto jamais imaginariam que a amplitude da rede chegasse aos parâmetros atualmente observados. Já na década de 70, as limitações começaram a se extinguir com a criação do e-mail, primeira função utilizada pelos pesquisadores para se comunicarem entre si e também compartilhar informações dentro das universidades. O uso comercial da rede iniciou-se em meados da década de 1980, quando surgiram os primeiros provedores².

Um levantamento feito em maio de 2015 pela União Internacional das Telecomunicações (órgão vinculado à ONU) revelou que 3,2 bilhões de

² http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_internet.html. Acesso em 15 de novembro de 2015.

pessoas estão conectadas à internet em todo o mundo, o que caracteriza mais de 40% da população mundial com acesso à banda larga³.

No Brasil, uma pesquisa realizada também em maio deste ano, de acordo com informações fornecidas pela Anatel, revelou que o Brasil possui cerca de 24,3 milhões de pontos de acesso à banda larga (mapa I), o que, em termos populacionais, corresponde a aproximadamente 10% dos brasileiros. Embora este seja ainda um número muito restrito, devemos ressaltar que há 15 anos, apenas 2% da população possuía acesso à internet no Brasil⁴.

Quando falamos de internet nos meios de comunicação, devemos nos ater às principais mudanças que foram atribuídas aos mesmos desde o seu advento. No âmbito social, é necessário destacar a importância dos computadores na mediação de informações, uma vez que eles foram responsáveis por facilitar o acesso à comunicação entre vários indivíduos simultaneamente. Sendo assim, os computadores foram gradativamente tornando-se novos meios de comunicação, colocando a Internet como principal patamar para formação de grupos diversificados, tramando o que mais tarde viriam a se tornar as redes sociais. Segundo Raquel Recuero:

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (Recuero, Redes sociais na Internet, 2009, p. 24)

Voltemos, portanto, aos primeiros parágrafos deste capítulo, quando falamos sobre o surgimento do e-mail, o que fortaleceu a internet como um novo meio de comunicação. A infraestrutura oferecida pela rede permitiu que informações fossem trocadas de maneira mais rápida e dinâmica, e embora

³ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/mundo-tem-32-bilhoes-de-pessoas-conectadas-internet-diz-uit.html>. Acesso em 15 de novembro de 2015.

⁴ <http://especiais.g1.globo.com/tecnologia/banda-larga-brasil/2015/>. Acesso em novembro de 2015.

a função desse fluxo de atividades fosse de caráter exclusivamente acadêmico, a atribuição da internet como uma nova forma de se comunicar teceu novos ângulos e criou novas extensões para o homem.

De acordo com Recuero, entender o funcionamento das redes sociais na internet implica em aprofundar-se na formação de relações sociais entre indivíduos e como elas são capazes de construir seus alicerces através dessa comunicação virtualmente mediada por um meio ainda então desconhecido. Devemos, portanto, reconhecer os participantes desse fluxo de informações, sendo eles os atores (ou suas representações nos meios digitais) e as conexões estabelecidas entre eles.

Para que uma rede estabeleça suas conexões, é necessário que os atores estejam em primeiro plano, ou seja, comuniquem-se entre si, criando um formato para suas interações sociais que influenciarão na proximidade dos grupos criados através da trama de laços moldados entre os mesmos.

Dentro do universo digital disponível, existe uma série de meios responsáveis por engrenar diariamente centenas de milhares de novas interações sociais, como é o caso do Facebook, YouTube, Twitter, e demais plataformas que permitem a comunicação entre seus participantes através de vídeos, compartilhamentos, comentários, publicações instantâneas ou programadas e outras diversas formas de comunicação audiovisual disponíveis.

As redes sociais on-line são apresentadas através de representações dos atores sociais. Ou seja, ao invés de acesso a um indivíduo, tem-se acesso à uma representação dele. Do mesmo modo, as conexões entre os indivíduos não são apenas laços sociais constituídos de relações sociais. No meio digital, as conexões são marcadas pelas ferramentas que proporcionam a emergência dessas representações.
(Recuero, 2012, p. 2)

O Facebook foi fundado em 4 de fevereiro de 2004, por um grupo de estudantes da Universidade de Harvard, liderado por Marck Zuckerberg e Eduardo Saverin, atingindo em 4 de outubro de 2012 a marca de 1 bilhão de

usuários ativos, sendo até hoje a maior rede social do mundo. O intuito inicial do Facebook era criar uma rede de conversação restrita aos alunos não graduados de Harvard, que, posteriormente, se expandiria para outras universidades estadunidenses e logo chegaria ao resto do mundo⁵.

Para participar do Facebook, é necessário registrar-se e fornecer dados pessoais para a criação de um perfil. Ele permite ainda adicionar e categorizar as pessoas da sua lista de conhecidos como membros da sua família, colegas de trabalho ou amigos. Outras ferramentas permitem que você escreva mensagens públicas na sua própria página ou na página de outras pessoas, escolha a privacidade do seus dados (quem pode visualizá-los) e realize conversações de mensagens instantâneas individuais ou em grupo. Além disso, é permitindo ainda publicar comentários em postagens de outras pessoas e responder comentários em suas próprias postagens.

Outra rede social supracitada que em muito contribui para a divagação de opiniões no meio virtual é o Twitter. Fundado em março de 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, um levantamento feito em abril de 2015 mostrou que o Twitter atingiu a marca de 302 milhões de usuários em todo o mundo⁶.

O Twitter é caracterizado como um servidor para microblogs, que permite aos usuários fornecer e receber atualizações com até 140 caracteres. Além disso, ele permite filtrar os assuntos mais comentados por uma pesquisa detalhada de palavras. É uma rede social de caráter imediatista, que compartilha informações em tempo real e é capaz de fornecer os dados sobre o público que está recebendo as informações no momento⁷.

As duas redes sociais supracitadas e o Youtube (que será explorado no próximo tópico deste capítulo), tornaram-se ferramentas imprescindíveis de compartilhamento de opiniões e transmissão de conhecimento acerca de assuntos variados.

As redes sociais na Internet, por conectarem as representações dos atores sociais, expõem diariamente o maniqueísmo entre público e privado,

⁵ <http://www.significados.com.br/facebook/>. Acesso em novembro de 2015.

⁶ <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/04/twitter-recupera-e-cola-no-instagram-em-total-de-usuarios-302-milhoes.html>. Acesso em novembro de 2015.

⁷ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>. Acesso em novembro de 2015.

que é abordado por tantas outras vertentes da Comunicação. O que observamos hoje é um novo conceito de vida privada, onde a sua exposição significa reconhecimento, a lembrança, a reserva de um lugar na memória pública. O espaço de relações anteriormente restritas, agora torna-se uma forma de receber visibilidade, e num mundo onde a atenção está cada vez mais escassa, o reconhecimento é a glória.

Esse espaço de visibilidade criado pelas mídias está inebriando os valores da vida privada, modificando-os para que a dicotomia entre o público e privado seja praticamente inexistente. O limiar que separa questões pessoais de questões pública hoje depende apenas de uma publicação em qualquer rede social.

Ao passo em que funcionam como uma vitrine de interações sociais, grande parte dos indivíduos prefere isolar seus perfis pessoais para terem acesso somente a informações selecionadas. Observa-se, portanto, que os novos laços estão construindo grandes bolhas sociais que estouram diariamente ao se depararem com conteúdos que não pertencem à sua atmosfera.

Segundo o IBOPE Media, o número de jovens com acesso à internet cresceu uma média de 50% em um intervalo de apenas 10 anos. Na última pesquisa, realizada em outubro de 2010, mais de 105 milhões de brasileiros estão conectados à internet de alguma forma, seja em dispositivos móveis ou computadores e drivers, tornando o Brasil o 5º país mais conectado à rede de computadores no ranking mundial⁸.

Embora uma grande parte de ideologias e movimentos sociais (toda ação de caráter coletivo que tenha como objetivo realizar mudanças sociais por meio de um embate político, dentro de uma determinada sociedade ou contexto) tenham surgido em momentos passados, muitas correntes estão aproveitando o ambiente favorável do universo virtual para modernizarem seus discursos dentro destas bolhas sociais supracitadas, conquistando novos seguidores de seus movimentos a cada dia.

⁸ <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-no-brasil-chega-a-105-milhoes.aspx>. Acesso em outubro de 2015.

Haja vista que os Estudos Feministas e de Gênero estão conquistando novos espaços nesse novo momento vivido pela sociedade, suas correntes estão dominando um espaço fértil para discussões no centro dos grandes embates sociais que nascem no campo virtual. Tania Swain observa que a adaptação aos meios e a dinamicidade dos discursos feministas está contribuindo para essa agregação de valor e propagação de conhecimento:

Os feminismos, graças à sua pluralidade e dinamismo, penetra as redes discursivas do século XX, desafiando os regimes de verdade que instituem o mundo e suas significações, tais como o corpo biológico (natural) e o papel social (cultural); suas análises ressaltaram os processos e mecanismos pelas práticas de dominação, de assujeitamento ou de resistência." (Swain, 2000, p. 48)

Esse é, portanto, um momento decisivo na nova caminhada das mulheres em busca de um novo modelo para as relações sociais criadas e aclamadas dentro das redes sociais. As redes sociais situadas na internet podem significar avanços para a disseminação dos ideais feministas e de gênero. As novas abordagens de discursos anteriores e a criação de novos debates que atendem as necessidades destas bolhas sociais específicas serão também parte do objeto de estudo deste trabalho.

1.2 – “Transmita Você Mesmo” – O que são os vlogs.

Segundo Burgess e Green, no livro “YouTube e a Revolução Digital”:

O vlog (abreviação para videolog) é uma forma predominante do vídeo “amador” no YouTube, tipicamente estruturada sobre o conceito do monólogo feito diretamente para a câmera, cujos vídeos são caracteristicamente produzidos com pouco mais que uma webcam e pouca habilidade de edição. Os assuntos abordados vão de debates políticos racionais a arroubos

exacerbados sobre o próprio YouTube e detalhes triviais da vida cotidiana. (Burgess & Green, 2009, p. 192)

Vlogs são caracterizados como breves monólogos diante de uma câmera, que podem abordar assuntos polêmicos, tutoriais, paródias, apresentações de humor, trivialidades cotidianas, culturas populares, entretenimento, música etc. Estão hospedados, em sua maioria, no YouTube, plataforma criada em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, com o propósito de “eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na Internet” (Burgess & Green, 2009), permitindo o upload instantâneo de vídeos e a criação de um canal gratuito no qual o usuário tem a liberdade de personalizá-lo de acordo com suas preferências de conteúdo audiovisual e compartilhamento. Além de ser utilizado para a divulgação de artistas, o YouTube permite impulsionar o conteúdo de produtores independentes, desde que eles tenham acesso à Internet e desejem publicar seu conteúdo audiovisual, como vlogs de culinária, maquiagem, decoração, música etc.

Uma pesquisa feita pela Alexa, plataforma internacional de monitoramento virtual, revelou que o Brasil é o 5º país do mundo que mais acessa o YouTube, sendo ele o 4º site mais acessado em território nacional, perdendo apenas para o Google, o Facebook e o Google Imagens. Esses dados são fundamentais para o entender o crescimento da “vlogosfera” no Brasil, que está adquirindo novos participantes a cada dia.



Figura 1 - Tradução: "Audiência Geográfica - onde estão localizados os visitantes deste site?" (Fonte: <http://www.alex.com/siteinfo/youtube.com>)

[...] o YouTube na realidade não está no negócio de vídeo - seu negócio é, mais precisamente, a disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos on-line: os usuários fornecem o conteúdo que, por sua vez, atrai novos participantes e novas audiências. (Burgess & Green, 2009, pp. 21-22)

Vlogs são, portanto, novos produtos culturais que utilizam do YouTube para aproveitar as diversas formas de se comunicar. A priori, são mídias de massa ao tratarmos de seu potencial de audiência e mídias de nicho quando são abordados os públicos fieis a canais específicos.

O primeiro vlog a surgir no Brasil chegou à internet antes mesmo do YouTube, criado pelo jornalista Thiago Fialho, que hospedou seus vídeos no site intitulado "Nós & Nós"⁹. Entretanto, a vlogosfera brasileira começou a tomar impulso em meados de 2007, quando o humorista Ronald Rios deu vida ao seu canal no YouTube. Alguns anos depois, em meados de 2010, a fama cibernética chegou aos canais "Mas Poxa Vida", do vlogger PC Siqueira¹⁰, e também ao "Não Faz Sentido", de Felipe Neto¹¹, que

⁹ http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/12/20/interna_diversao_arte,228543/depois-da-febre-dos-blogs-e-dos-fotologs-a-nova-moda-sao-os-videologs.shtml. Acesso em outubro de 2015.

¹⁰ <https://www.youtube.com/user/maspoxavida>. Acesso em outubro de 2015.

¹¹ <https://www.youtube.com/user/felipeneto>. Acesso em outubro de 2015.

conquistaram fãs em todo o território nacional por questionarem situações cotidianas em que muitas pessoas se identificavam. Seus canais renderam discussões, palestras e prêmios, e, recentemente, ganharam espaço nos canais fechados de televisão. Ambos criaram também novos projetos com outros vloggers, e continuam com seus canais ativos na internet.

A espontaneidade dos vlogs encoraja milhares de jovens em todos os países. Muitos estão se informando melhor sobre os acontecimentos que estão em pauta na mídia mundial para entenderem melhor a opinião de seus vloggers influenciadores, e, por consequência, compartilham os próprios pensamentos acerca dos assuntos debatidos.

Para o YouTube, a cultura participativa não é somente um artifício ou um adereço secundário. É, sem dúvida, seu principal negócio. (Burgess & Green, 2009, p. 32)

1.3 - Linguagem e influência

No universo multifacetado incorporado pela internet, a simples exposição de uma opinião pode transformar um indivíduo em pessoa pública em questão de segundos. Expor seus ideais em uma rede aberta implica em muitas consequências, desde atrair novos seguidores até ter que responder judicialmente pelas suas afirmações, como o caso do comediante e humorista Rafael Bastos, que proferiu ofensas machistas à cantora Wanessa em seu perfil no Twitter, bem como Danilo Gentili, apresentador e humorista, que externou piadas racistas em seu perfil na mesma rede social. Ambos responderam judicialmente por seus atos.

No atual cenário virtual, muitos bloggers e vloggers utilizam uma determinada linguagem para atingir o seu público e assim exercerem influência nos pensamentos dos jovens usuários, que buscam, dentro de um mesmo assunto, o emissor que utiliza expressões e jargões com as quais mais se identificam.

As redes sociais na Internet também proporcionam acesso a diversos valores relevantes para os atores

envolvidos por conta dessas características. O acesso a esses valores atua como elemento motivador e, ao mesmo tempo, resultado da participação nessas redes. (Recuero, 2012, p. 3)

Para expor melhor esse ponto de vista, podemos colocar em pauta dois *vloggers* supracitados no item anterior: Felipe Neto e PC Siqueira. Juntos, eles possuem, atualmente (2015), quase sete milhões de inscritos em seus canais no YouTube. Embora ambos exponham seus cotidianos de forma sarcástica, apontando alguns problemas que deveriam ser esquecidos pela sociedade para que outros fossem maximizados em seus lugares, a linguagem pela qual eles se comunicam com seu público é pouco semelhante. Enquanto Felipe Neto utiliza críticas embasadas no senso comum, o *vlogger* PC Siqueira, mesmo inserido na mesma atividade social de Felipe, procura equilibrar opiniões dentro dos contextos sociais nacionais para construir a sua. Sendo assim, mesmo tratando de assuntos semelhantes, ambos possuem públicos bastante divergentes.

Sem dúvida, estes novos emissores que utilizam a rede mundial de computadores como uma alavanca para projetar seus interesses e conquistarem novos seguidores de seus ideais. Muito embora a proposta da interação on-line através de sites de redes sociais na internet seja a livre conexão entre as pessoas, ela também acaba se tornando responsável por hierarquizar algumas relações entre emissores e receptores.

Os efeitos assistidos numa sociedade cada vez mais conectada entre si ultrapassa os formatos tradicionais de comunicação e eleva as relações sociais para um método de trocas de influências, que partem de um emissor principal e são distribuídas entre indivíduos que compartilham de interesses semelhantes ou não. A influência de um emissor sobre seus espectadores é capaz de gerar não apenas a idolatria e a doutrinação de um comportamento, mas ainda o eventual surgimento de discursos adversos às ideologias propostas pelo emissor e seus seguidores.

Devemos considerar ainda que os *vlogs* são frutos de uma cultura popular participativa que tomou maiores dimensões com o fortalecimento do

acesso à banda larga, principalmente no Brasil. Ao contrário da televisão, os *vlogs* permitem a participação direta dos usuários e da conexão que eles estabelecem entre si. A troca de opiniões entre os espectadores é diretamente observada pelo autor do *vlog*, podendo assim lapidar novos temas e abordar diferentes assuntos de acordo com mudança de interesses de seu público. Stuart Hall, embora tenha vivenciado outras fases da era digital, estudou profundamente a influência da cultura popular nas formas de interação social entre os indivíduos.

A cultura popular é um dos locais em que ocorre essa luta pela e contra a cultura dos poderosos: e é o prêmio a ser obtido ou perdido nessa luta. É a arena do consenso e da resistência. É, em parte, de onde a hegemonia se origina e onde ela é assegurada. (Hall, 1981, p. 239)

Os valores atribuídos aos *vlogs* hospedados no YouTube não se sobressaem, portanto, pela sua monetização (muito embora vários vloggers assinem contratos de merchandising em seus canais), e sim pela rede de tendências que eles seguem, pelo capital social¹² que exercem e compartilham com os seus seguidores dentro das redes sociais da internet. Dentro de uma análise comportamental pouco aprofundada, podemos dizer que embora o emissor de um *vlog* esteja ali para capitular seus monólogos cotidianos, seu espetáculo é completamente moldável pelas novas tendências adquiridas pela sua plateia, ou seja, o feedback de um público em um canal do YouTube é um dos principais fatores que compõem a estrutura física e linguística do emissor.

O capital social é, portanto, um conceito metafórico, que foca o fato de que existem vantagens em pertencer a grupos sociais, e que essas vantagens podem ser apropriadas pelo grupo e/ou pelos atores. Os atores, nos grupos sociais, possuem motivações que os levam a determinadas ações, com vistas a investimentos que darão retornos esperados. (Recuero, 2012, p. 4)

¹² Conceito proposto por Nan Lin em seu livro *Social capital: a theory of social structure and action* (Ed. Oxford, 1ª edição - 2010). Lin propõe três elementos em seu conceito: (1) os recursos; (2) a estrutura social e (3) as ações.

O maior artifício de um vlogger é a exploração de uma intensa linguagem verbal e visual, que torna-se, portanto, uma extensão dos indivíduos que admiram suas ideologias. Essa é uma das principais razões para que marcas, empresas e, mesmo programas de TV, busquem estes canais para divulgarem seus produtos ou contratarem os "apresentadores" para suas emissoras, já que a influência exercida "espontaneamente" pelos vloggers é cada dia mais convincente ao seu público.

Com o crescimento da vlogosfera no Brasil, o surgimento de novas vozes relevantes, do ponto de vista da visibilidade está se tornando cada vez maior. Os olhos dos internautas voltaram-se recentemente para o canal **Jout Jout Prazer**, onde uma jornalista, de apenas 24 anos, decidiu falar sobre identidades de gênero, sexualidade, comportamento e cotidiano de uma forma suave e descontraída, conquistando mais de 100 mil inscritos em seu vlog em apenas uma semana.

Jovens de diversas regiões do Brasil identificaram sua trajetória nos vídeos de poucos minutos que são transmitidos no canal da vlogueira, e, hoje, compartilham suas experiências negativas e positivas, que são tratadas de forma aberta por Julia e recebidas confortavelmente pelo seu público. Esse aspecto ressalta ainda a importância da linguagem escolhida para abordar assunto de difícil aceitação na sociedade, que estão aprisionados pelos tabus de momentos passados e que se repetem na sociedade moderna. Em uma breve análise, Tania Navarro Swain coloca em pauta essa situação vivida pelas mulheres há tantos séculos:

[...] Na imbricação entre o social e o individual, o "nós e o "eu", encontra-se a dicotomia que enclausura o pensamento em um pressuposto binário do tipo natureza/cultura, real/imaginário/bem/mal; esta perspectiva supõe um esquema de apreensão e análise das relações sociais que, mesmo sob um olhar feminista, se compraz ainda no maniqueísmo de pares opostos e/ou complementares. (Swain, 2000, p. 48)

Sendo assim, mesmo com as novas formas de relações sociais surgidas através do universo virtual, o embate entre certo e errado ainda persegue as mulheres para condenarem aspectos de seus comportamentos. Julgamentos de séculos passados perduram até hoje, ditando uma vida de falsa liberdade para milhares de mulheres ao redor do mundo.

Como apontado no início deste trabalho, essa pesquisa possui como objetivo submeter o *vlog* **Jout Jout Prazer** a uma análise quali-quantitativa de conteúdo, enfatizando o vídeo **Não Tira o Batom Vermelho**, com o intuito de observar como sua linguagem está atingindo o público das redes sociais na internet.

2. A Renovação de Identidades Através dos Feminismos

2.1 - De onde vem e para onde vai

Oprimidas por muito tempo pela obrigação de uma vida privada dedicada aos outros indivíduos de suas relações sociais, mulheres de todo o mundo levantaram suas bandeiras exigindo a ocupação de novos espaços, até então comumente ocupado pelos homens. O feminismo, movimento iniciado ainda no séc. XIX, fortificou-se através dos anos, dando volume para diversas ondas que inundaram o pensamento sociológico e filosófico dos momentos históricos vivenciados pelas sociedades do séc. XX com novos desdobramentos no séc. XXI.

A primeira onda do movimento feminista exigia o direito ao sufrágio para as mulheres, desencadeado logo após a Revolução Industrial, e liderado por mulheres do Reino Unido em, 1897. O movimento sufragista iniciou-se de forma pacífica, e questionava os motivos pelos quais as mulheres não podiam assumir cargos de importância política e acadêmica, ou exercer o direito ao voto. Após muitos embates e discussões, as mulheres finalmente tomaram as ruas para clamar pelos seus direitos. Lideradas por Emmeline Pankhurst, mulheres fizeram greve de fome contra o governo britânico, até que, em 1913, Emily Wilding Davison jogou-se na frente do cavalo do rei, tornando-se a primeira mártir do movimento¹³.

O parcial sucesso dos protestos das sufragistas chegou apenas em 1918, com a aprovação do *Representation of The People Act* pelo parlamento britânico, que estabeleceu o direito ao voto para as mulheres no Reino Unido¹⁴.

A década de 1970, entretanto, trouxe um marco de conquistas até então consideradas improváveis às mulheres. A segunda onda naufragou os ideais patriarcais para trazer à tona o direito à liberdade sexual, profissional e pessoal das mulheres, submergindo o conceito de vida doméstica à qual

¹³ <http://virtualiaomanifesto.blogspot.com.br/2010/02/as-sufragistas-mulher-e-o-direito-ao.html>. Acesso em outubro de 2015.

¹⁴ <http://www.bbc.co.uk/bitesize/higher/britstuff/vote/revision/2>

estavam fadadas a aceitarem para ocupar o espaço que lhes era permitido¹⁵.

Sendo assim, a segunda onda colocou em pauta questões sobre a responsabilidade familiar atribuídas, necessariamente, sobre as mulheres, levantando questões sobre o direito de trabalhar fora de casa, dividir as atribuições domésticas com os seus maridos, contribuir diretamente para a pesquisa de estudos científicos, filosóficos e sociológicos, e, acima de tudo, ter o direito de expressar-se livremente, independente das questões de identidade de gênero.

Essa onda persiste e coexiste com a terceira onda do movimento feminista, que aborda questões sobre a importância da diferenciação entre gênero e sexualidade, justificando, portanto, o plural utilizado no título deste capítulo. As exigências dos feminismos estão pautadas, principalmente, no direito pela igualdade, no fim da discriminação das mulheres e no direito de exercer sobre seu corpo biológico as suas próprias vontades, exaltando a liberdade sexual e psicológica. Essa liberdade ainda é vista por muitas mulheres como privilégio, ou, ainda pior, como adultério e perversão, haja vista que muitas delas vivem a opressão da sociedade como verdade absoluta para suas atitudes.

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas novas manifestações. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis,

¹⁵ DESCARRIES, Francine - Teorias Feministas: Liberação e Solidariedade no Plural. TEXTOS DE HISTÓRIA , vol. 8, - Feminismo: Teorias e Perspectivas.

provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser chamado de políticas de identidade. (Louro, 2000, p. 3)

Temos, portanto, um cenário inundado de ideais que florescem mediante debates e discussões para que mais tarde as mulheres possam colher novos frutos para suas causas, que são diversas e multifacetadas, visto que englobam diferentes classes, raças, etnias e orientações sexuais.

Sob esse panorama geral, devemos ressaltar ainda a participação dos meios de comunicação para a propagação de quaisquer ideologias fundamentadas em revoluções que priorizam as minorias sociais¹⁶. Ao passo que as mídias também foram fundamentais para fixar determinadas implicações sobre identidades de gênero, baseadas no determinismo biológico, elas também auxiliaram na difusão dos discursos feministas. Os atuais recursos midiáticos disponíveis permitem o encontro de ideias que podem ou não serem mediados e equilibrados.

Notícias que, há poucos anos, eram consideradas inadmissíveis, tais como conquistas científicas realizadas por mulheres, cargos políticos importantes destinados ao público feminino, entre outras, hoje possuem espaço de destaque em jornais, revistas e canais televisivos.

Mulheres que alcançaram o direito ao aborto, a anticoncepcionais, à denúncias sobre estupro, personagens femininas de telenovelas que são mães solteiras, que tomaram a decisão de não terem filhos, que ocupam cargos de chefia ou que simplesmente vivem uma vida mais próxima à realidade das relações privadas, e que são abordadas pelas mídias, bem como as redes sociais da internet.

Essas revoluções cotidianas trazem, diariamente, os embates entre os conservadorismos e os discursos que tentam romper com a sociedade patriarcal. Embora as mulheres batalhem para que seu grito contra a opressão seja ouvido, figuras influentes (políticos, religiosos, empresários

¹⁶ Abordamos o termo minoria no sentido sociológico, e não numérico, e que indica grupos sociais que não têm seus direitos políticos, econômicos, entre outros, plenamente atendidos.

etc.) esforçam-se para que elas continuem sendo privadas do acesso aos direitos plenos dos cidadãos.

Esses influenciadores possuem em sua bagagem um grande número de seguidores que propagam discursos de ódio nos meios de comunicação. O que deveria ser um ambiente para discussões equilibradas e de argumentos consolidados, acaba tornando-se uma arena onde os leões são dominados pelo pensamento conservador, encurralando os discursos libertários das minorias, para que elas coloquem-se "em seu devido lugar"¹⁷.

Muitas vezes, os feminismos são abordados de maneira preconceituosa e equivocada pelos meios de comunicação. Embora tais lutas sejam constantemente travadas, devemos refletir sobre as grandes conquistas que são heranças históricas e que felizmente não se perderam com o passar dos anos. Mulheres que um dia foram incendiadas em praça pública por exigirem respeito, são hoje ícones de inspiração para militantes do movimento que lutam pela mesma causa.

Os Estudos Feministas são igualmente e de forma específica, procedimentos sociológicos e metodológicos para construir as mulheres enquanto categoria social e colocar o sexo/gênero como categorias de análise, bem como para desconstruir as representações e os mecanismos reconstitutivos da divisão social dos sexos e de outros sistemas de dominação. (Descarries, 2000, p. 11)

Ao abordarmos melhor as ondas mais recentes dos Estudos Feministas, temos de ressaltar, primeiramente, a importância do conceito de gênero, sexo e sexualidade, que são equivocadamente igualados por grande parte da sociedade em diversos contextos. O sexo refere-se única e exclusivamente às características biológicas de cada corpo, e a sexualidade refere-se às suas atividades relacionadas ao ato sexual, à atração física etc.

¹⁷ Expressão utilizada pelo senso comum para inferiorizar as minorias sociais (negros, mulheres etc.).

O conceito de gênero é erroneamente ligado ao papel biológico do homem ou da mulher dentro da sociedade. Características são desnecessariamente associadas ao "gênero": mulheres são vistas como delicadas, emotivas, irracionais, dependentes, maternas, intuitivas etc., enquanto os homens devem cumprir o papel racional, firme, lógico e de emoções impenetráveis para que sua imagem permaneça sólida e imutável.

Portanto, o conceito de gênero formulado pelas feministas não associa comportamentos a características biológicas. As representações sociais de feminino e masculino não devem determinar a conduta de homens e mulheres, uma vez que o gênero está muito além dos corpos que o habitam. Segundo a teórica feminista Tania Navarro Swain:

A imagem e os sentidos atribuídos aos corpos não são, portanto, superfícies já existentes, sobre as quais se encastram os papéis e os valores sociais; são, ao contrário, uma invenção social, que sublinha um dado biológico cuja importância, culturalmente variável torna-se um destino natural e indispensável para a definição do feminino. A questão se articula sobre a importância social: isto significa que a materialidade do corpo existe, porém a "diferença entre os sexos" é uma atribuição de sentido dada aos corpos. (Swain, 2000, p. 51)

Os "corpos educados", abordados por Guacira Lopes Louro, alinhados com as invenções sociais explicadas por Swain, não devem, segundo às determinações culturais, escapar de suas "obrigações" biológicas. Isto implica em condições ainda mais opressoras sobre as mulheres: elas devem se tornar responsáveis pela geração de novas pessoas, pela povoação do mundo, assumindo uma ideia de maternidade que não se baseia em sua escolha pessoal.

A fragilidade atribuída às mulheres acaba tornando-se uma punição social às mesmas. Mulheres solteiras que não estão à procura de uma "vida estável" são taxadas de amargas, solitárias ou de pouco valor. Mulheres casadas que ainda não têm filhos enfrentam diariamente a inquisição de sua família sobre a maternidade. Mulheres que se dedicam à vida profissional

recebem o rótulo de ambiciosas e egoístas. Desde a infância, os corpos femininos são educados para cumprirem um papel social que não deve ser ultrapassado.

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens e mulheres. (Louro, 2000, p. 6)

Essa atribuição de identidades de gênero implica, portanto, em uma fajuta justificativa para a imposição de desigualdades e diferenciações estéticas, profissionais, sociológicas e científicas entre homens e mulheres. A questão da identificação de gênero impõe padrões que levam homens e mulheres a conformarem corpos, opções e atitudes. Como exemplo, podemos lembrar que, geralmente compostos pela maioria heteronormativa, não há humilhação maior para um homem do que a de ser comparado aos homossexuais.

As normas sociais prolongam-se ainda sobre o comportamento da sexualidade dos indivíduos. Segundo as imposições, mulheres homossexuais não devem apropriar-se de características masculinas (corte de cabelo, roupas, perfumes, acessórios), ao passo que homens homossexuais devem manter sua postura masculinizada para não afeminarem seus trejeitos.

Mesmo com as novas formas de se comunicar, os veículos midiáticos acabam contribuindo para o reforço desta construção de gênero que atravessou as décadas. Programas de humor na televisão ironizam o comportamento dos homossexuais, jornais colocam em segundo plano a violência doméstica sofrida diariamente por mulheres que se negam a obedecer seus maridos em detrimento à exaltação de novas conquistas dos

homens, de novos decretos religiosos ou políticos, manipulando as prioridades de recebimento de informações do público, que está cada dia mais saturado de definições equivocadas.

Estas reproduções acabam se refletindo nos meios sociais de discussão estabelecidos pela internet. As notícias são ainda mais desconstruídas, as ofensas cada vez mais disseminadas e associadas aos trechos de programas de humor. O público toma as invenções sociais como verdades absolutas e indiscutíveis, rebaixando o patamar das discussões com opiniões fundadas no senso comum.

Esta proposta indica a necessidade sentida pelas feministas de uma redefinição da razão que fuja ao cânone estabelecido - pelos homens, pela ciência, pela cultura em geral - alargando seu escopo, ressignificando-a, para contemplar tudo que foi esquecido. (Arruda, 2000, p. 124)

O que podemos observar, portanto, é que a construção concomitante da identidade de gênero não tem, obrigatoriamente, que seguir as invenções do senso comum. Devemos ainda atentar aos tipos de informação que estamos recebendo, se estamos dando a atenção necessária aos problemas de desigualdades e se não estamos, ainda, reforçando a imagem masculina e feminina para as demais gerações.

Os Estudos Feministas modernos englobam universos muito maiores do que a certeza de uma liberdade para o corpo feminino. Com a chegada da terceira onda, assuntos como os direitos para os transexuais, a visibilidade das mulheres negras e das mulheres pobres e união a favor das minorias tornaram-se pauta dos discursos ativistas. Num passado nada distante, mulheres de classes sociais mais baixas colocavam sua liberdade abaixo do senso comum. Muitas delas não sabiam (e muitas ainda não sabem) como reivindicar pelos seus direitos de donas de casa, de esposas violentadas, de mulheres assediadas, enfim, de problemas ainda mais recorrentes nas periferias de grandes cidades.

Outro ponto a ser valorizado é o crescimento do movimento feminista protagonizado por mulheres negras. Devido à herança preconceituosa no Brasil, vinda desde os tempos da escravidão, os negros são diariamente marginalizados em suas posições sociais. O cenário é ainda pior para as mulheres: além de marginalizadas, suas imagens são tradicionalmente associadas ao pecado, à sensualidade, à folia do carnaval, aos desejos mais perversos, à fácil serventia e aos trabalhos domésticos. Em um mesmo cenário, ainda que as mulheres brancas não possuam direitos iguais aos homens, temos ainda a inferiorização de mulheres diante de outras mulheres.

Uma tal assertiva, por um lado, nega a importante produção empírica que colocou os Estudos Feministas no rol dos campos disciplinares, e por outro, negligencia o fato de que, há mais de três décadas agora, as feministas dissidentes lesbianas, afro-americanas, do terceiro-mundo etc., mostraram a pertinência de representar as mulheres, não somente sob o ângulo de sua relação com a dimensão sexuada de suas vidas, mas igualmente sob o ângulo das interdependências desta relação com as outras dimensões de sua experiência histórica e social. (Descarries, 2000, p. 32)

É fundamental ressaltar que estes pontos passaram a ser enxergados de poucas décadas para cá, uma vez que muitas estudiosas do feminismo eram mulheres brancas de classe média ou alta, que ingressavam em uma vida acadêmica, ignorando portanto as construções sociais que não faziam parte de seu grupo. Hoje, os movimentos feministas abrangem um momento crucial para a conquista não apenas de direito ao gênero, mas também direito às inclusões sociais e raciais que há muito deveriam ser incluídas nessa luta.

Tensões e contradições sempre existiram entre as correntes de pensamento feminista. Mas se foram elementos de divisão e de oposição, também evoluíram em um continuum de inter-relações intelectuais e militantes, somente possíveis pelo reconhecimento

sociológico da relação de poder constitutivo da divisão social dos sexos, relação de poder tradicionalmente estabelecida sobre o princípio da exclusão das mulheres de todas as esferas do social, com exceção da família. Neste sentido, pode-se considerar que as tensões e contradições contribuíram para o enriquecimento e mesmo a transformação dos modelos inicialmente propostos. (Descarries, 2000, p. 30)

Aqui, devemos ressaltar a forma como os meios digitais estão contribuindo para a acessibilidade de informações. Muitas mulheres, por exemplo, utilizam do anonimato oferecido pela internet e por algumas redes sociais para denunciarem abusos e violências sofridos dentro e fora de casa. Algumas campanhas governamentais são atualmente direcionadas exclusivamente para o público virtual, e muitos estados do Brasil já possuem canais secundários de resposta para atender a população, como páginas em redes sociais que alimentam conteúdos e campanhas para facilitar o diálogo com as pessoas.

Partindo desse cenário, um levantamento feito em 2014 após uma campanha de incentivo às denúncias de abuso e violência contra as mulheres, realizada pelo Governo Federal e pela Secretaria de Políticas Para Mulheres, voltada em parte para o público digital, o número de denúncias aumentou em 40% após a divulgação. A campanha levou ao conhecimento de muitas mulheres a existência do disque-denúncia especializado somente em denúncias do tipo. Muitas delas alegavam não saber desse canal e, as que sabiam, sentiam-se intimidadas ou envergonhadas demais para realizar a ligação.

A Secretaria criou ainda uma página na rede social Facebook¹⁸ afim de encurtar o processo de denúncias ou mesmo receber sugestões de seu público afim de saber quais aspectos poderiam ser melhorados no momento das denúncias recebidas, quais políticas poderiam ser criadas ou descartadas e quais deveriam ser reforçadas. A página é um exemplo que

¹⁸ <https://www.facebook.com/SPMulheres/>. Acesso em novembro de 2015.

retrata a ação de uma comunicação direta proporcionada pelas redes sociais na internet, como foi anteriormente abordado neste trabalho.

A criação desses novos canais diretos permite uma socialização entre mulheres de todo o país que possuem problemas em comum e podem compartilhá-los em grupos específicos, fortalecendo o debate sobre a liberdade de imagem e expressão de gênero dentro da sociedade. O que se observa hoje são cada vez mais novos e maiores aglomerados de mulheres que batalham pela igualdade.

Não podemos esquecer, porém, que o rápido compartilhamento de informações também prejudicou a liberdade das mulheres. Muitas são vítimas de fotos nuas "vazadas" pelas redes sociais, de abusos psicológicos e ofensas gratuitas por exporem seus ideais em público. O mesmo canal que permite acessibilidade, é também o que oferece um ambiente inóspito e inseguro.

[...] o futuro dos Estudos Feministas - ou de uma sociologia das relações de sexo - dependerá de sua capacidade para analisar os problemas que derivam tanto das escolhas ou recusas formuladas pelas mulheres ao longo das últimas décadas, quanto da insistência em preservar, redefinindo-a, a identidade feminina. (Descarries, 2000, p. 12)

2.2 - As redes sociais como plataforma de auxílio na propagação dos discursos feministas.

Como abordado no item anterior deste capítulo, a influência das redes sociais contribui de forma direta para a comunicação das mulheres entre si e com o mundo. A proposta deste item é exemplificar como essa comunicação é realizada na prática através das interações em redes sociais da internet.

Algumas páginas e grupos criados no Facebook e alguns canais hospedados no YouTube são inteiramente voltados para a propagação de discursos feministas. Para nos aprofundarmos na questão abordada por

Julia Tolezano no vídeo que será analisado no trabalho em questão¹⁹, devemos primeiramente entender de onde surgiu a ideia para a realização do vídeo.

Nas páginas "Feminismo sem Demagogia"²⁰ e "Empodere Duas Mulheres"²¹ (que contam atualmente com cerca de 500 mil e 300 mil fãs, respectivamente), as fundadoras se preocupam em transmitir notícias sobre as novas conquistas para as mulheres, em denunciar crimes e abusos que muitas vezes são negligenciados pela sociedade, e ,principalmente, em gerar incentivo para que as mulheres defendam seu ponto de vista não para o homens, e sim para outras mulheres que possuem uma visão deturpada dos movimentos feministas.

As páginas possuem também grupos ocultos no Facebook, nos quais a entrada de pessoas é permitida somente após a aprovação dos fundadores e moderadores. Nesses grupos, mulheres compartilham suas histórias de abusos que sofreram ou de conquistas, gerando um fluxo crescente de informações que são publicados nas páginas de acordo com a permissão das usuárias. As fundadoras realizam, portanto, um meticuloso trabalho de identificação de público, muitas vezes bem-sucedido, atraindo novas mulheres que encontram em outras o conforto de poderem compartilhar suas vivências e desafiar os abusos sofridos.

Outra grande questão abordada por essas páginas e grupos é também o posicionamento opressor das mídias que, por vezes, é mascarado através de mensagens que exaltam o bem-estar, a autoestima e o amor-próprio das mulheres. Muitas criticam a linguagem amigável que as marcas estão adotando para causar uma necessidade em suas consumidoras. Tais necessidades estão geralmente associadas à imagem social das mulheres, sua aparência perante a sociedade e a forma como devem ou não se comportarem para atrair "homens ideais", conseguirem melhores cargos em suas profissões, estarem sempre em forma para o verão etc.

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>. Acesso em novembro de 2015.

²⁰ <https://www.facebook.com/Feminismo-Sem-Demagogia-Original-564161453675848/?fref=ts>. Acesso em novembro de 2015.

²¹ <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/?fref=ts>. Acesso em novembro de 2015.

A discussão sobre estes assuntos em plataformas públicas está desencadeando um fenômeno virtual em que as mulheres se enxergam como protagonistas de suas próprias vidas e inspiram outras a fazerem o mesmo. Nessa onda, muitas abandonaram a competitividade (explorada principalmente dentro dos meios de comunicação, como telenovelas, músicas e diversas formas de publicidade) e abraçaram o companheirismo para que juntas consigam reformular o cenário das mulheres no Brasil e no mundo.

A ambição de uma unanimidade feminista global, o perfil da cultura da diferença foram sendo progressivamente substituídos por uma cultura feminista das diferenças e uma vontade de mobilização plural, pluralista e solidária. (Descarries, 2000, p. 34)

O que devemos exaltar, portanto, é que este fenômeno sociológico está permitindo às mulheres que realizem novas descobertas e tragam à tona redescobertas sobre a sua própria liberdade, sobre a sua forma de expressar, sobre o seu poder diante da sociedade e sobre a sua voz que não deve ser calada.

Embora Julia Tolezano não seja fundadora ou moderadora de nenhuma dessas páginas ou grupos, foi através deles que a vlogueira encontrou histórias semelhantes às suas vivências em outros relacionamentos. Dialogando com algumas mulheres, Julia percebeu que os relacionamentos abusivos não dizem respeito somente à violência física. Muitas mulheres relataram abusos psicológicos, em que seus companheiros as oprimiam pelo modo de falar, se vestir, se comportar e até mesmo de se relacionar sexualmente com eles. Outras relataram ainda tipos de violência psicológica onde seus companheiros as convenciam de que seus relacionamentos eram uma necessidade na vida delas, e que jamais encontrariam alguém que suportasse estar na companhia delas exceto eles.

Com a permissão das garotas, Julia levou o problema até o seu canal no YouTube, mostrando que o que era antigamente visto como um comportamento excessivamente dramático das mulheres, na verdade é um

processo que deve ser analisado e acolhido com muita cautela, pois estas mulheres são vítimas de abusos e não se dão conta disso porque muitas vezes são oprimidas ou ignoradas. Muitas delas alegaram ainda que, embora explicassem detalhadamente para familiares e amigos, eram aconselhadas a esquecer as discussões e relevar as situações para não desgastarem seus relacionamentos.

As redes sociais proporcionam, portanto, esse efeito cascata que vai de pequenos grupos de discussão até atingir personagens importantes que se preocupam com a causa e a efetividade dos movimentos sociais, e se esforçam para que a mensagem de poucos seja ouvida por muitos. Essa proposta de solidariedade é uma raiz consolidada da corrente feminista igualitária, que desde os anos 80 deixou para trás a incessante busca pelas origens do patriarcado e passaram a procurar análises mais profundas e diversas sobre a diversidade das experiências vividas pelas mulheres.

Para manter um "polo significativo de transformação social [...] em sociedades as mais diversas", muitas feministas propõem formular, sobre a base da experiência coletiva das mulheres da divisão e da hierarquia das relações de sexo, uma crítica comum das ideologias e das instituições sociais dominantes, apoiando-se sobre as experiências das diferentes minorias, para melhor desconstruir o sentido e a lógica da recondução das relações de poder. (Descarries, 2000, p. 33)

3. Metodologia

Este trabalho adota como metodologia a análise de conteúdo, que, embora seja um tema abordado por diversos autores, as terminologias e conceitos utilizados nesta dissertação são somente os explorados por Bardin no seu livro **Análise de Conteúdo** (1977).

Segundo a autora, a análise de conteúdo possui duas funções dentro de sua metodologia, sendo elas:

- uma função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo para "ver o que dá"..
- uma função de "administração da prova". Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificados no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação. É a análise de conteúdo para "servir de prova". (Bardin, 1977, p. 30)

O pressuposto da análise de conteúdo é utilizar de um conjunto de técnicas de análise de comunicações, sendo, portanto, uma maneira coesa e objetiva de analisar as novas mídias digitais e os meios de comunicação derivados das mesmas. O método de análise de conteúdo permite ir além dos documentos propriamente ditos, explorando todo o universo ao redor das situações ou implicações que aquele objeto de estudo está inserido.

Sob uma ótica empírica, podemos dizer que este método coloca o pesquisador diante não apenas de um simples objetivo, mas aumenta a sua percepção para os acontecimentos que podem estar relacionados ao seu objeto de estudo, ou que influenciaram diretamente para o surgimento do mesmo. É uma metodologia utilizada principalmente para acrescentar novas formas de interpretação a uma pesquisa.

Embora este trabalho esteja centrado em analisar uma campanha digital promovida por apenas um vídeo publicado em um canal do YouTube, é preciso analisar quais motivos levaram à criação deste canal e da publicação do vídeo. Além disso, é preciso também analisar a reação posterior à campanha: qual foi a reação do público ao entrar em contato com estas novas informações? A mensagem causou o efeito desejado?

Quando falamos sobre meios de comunicação, devemos atentar para o fato que, para que ocorra um diálogo, ou que uma mensagem seja transmitida, é necessário que haja ao menos um emissor e um receptor para que se estabeleça a comunicação entre ambos. Dessa forma, a mensagem torna-se um fenômeno que atingirá seu determinado público e também outras pessoas que estão ao redor.

O processo de análise de conteúdo desmembra a mensagem, ou seja, a informação, para que ela seja examinada através de etapas e atinja os objetivos finais do pesquisador.

Através de uma descrição detalhada do conteúdo da mensagem, utilizando um procedimento sistemático e objetivo embasado nos indicadores existentes no canal de Julia e na abordagem do vídeo **Não Tira o Batom Vermelho**, poderei portanto realizar as inferências de conhecimentos que estão relacionados às condições de produção e recepção da mensagem. (Bardin, 1977, p. 42)

A priori, a análise de conteúdo deste trabalho será realizada por etapas:

- Descrição do assunto abordado no conteúdo do vídeo (corpus), com o intuito de categorizar os elementos (linguagem, pertinência, personagens);
- Identificação da problemática por trás do assunto abordado;
- Relação do conteúdo do vídeo com os Estudos Feministas explorados pelas demais autoras citadas nesta dissertação;
- Levantamento de uma hipótese acerca da relação supracitada.

Esta metodologia proposta por Bardin é ideal para este trabalho, uma vez que para verificar a adequação de contextos explorados por Julia em seu vídeo, é necessário buscar em sua linguagem a participação de elementos relacionados aos ideais feministas, para que a hipótese levantada seja ou não solucionada.

O que se procura estabelecer quando se realiza uma análise, conscientemente ou não, é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas sociológicas ou psicológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados. (Bardin, 1977, p. 41)

Numa primeira fase da análise, vamos atentar ao que levou Julia a produzir o vídeo e quantas pessoas foram implicadas na transmissão de tal mensagem (quantas pessoas acessaram o vídeo? Quantos comentários o vídeo recebeu?). Esses dados auxiliarão para que, em seguida, possamos realizar as inferências sobre o conteúdo.

As inferências serão realizadas de tal forma que apresentem a relação entre o conteúdo explicitado, as teorias feministas utilizadas neste trabalho, a resposta do público ao vídeo e a resposta de Julia aos acontecimentos posteriores.

O trabalho será, ainda, determinado pela regra da pertinência dentro da análise de conteúdo, uma vez que o documento analisado corresponde ao objetivo principal da análise, e oferece as informações necessárias e suficientes para a coleta de dados, inferência de conhecimentos e levantamento de uma hipótese correlacionada às demais teorias abordadas.

4. Jout Jout Prazer: uma nova voz nas redes sociais da internet.

A compreensão de uma mensagem somente é dada após o conhecimento do emissor e de seus propósitos. Neste capítulo, o canal e o vídeo de Julia Tolezano no YouTube serão os protagonistas de uma análise de conteúdo afim de explorar a linguagem escolhida por ela para abordar os assuntos de seus vídeos e se, dentro do vídeo **Não Tira o Batom Vermelho**, esta linguagem utilizada obteve sucesso em seus objetivos.

4.1 - A origem do vlog Jout Jout Prazer.

Quando a carioca Julia Tolezano postou o seu primeiro vídeo no YouTube, sua intenção era perder um pouco da timidez e falar sobre alguns assuntos cotidianos, como explicou para a jornalista Lígia Aguilhar em uma entrevista para o jornal Estadão²².

Formada em jornalismo pela PUC-RJ, Julia (24 anos) criou o canal no YouTube ao passar por uma crise muito recorrente na geração de pessoas recém-formadas que estão procurando por novas oportunidades de emprego. Trabalhou em editoras de livros, jornais e empresas de comunicação, mas não se identificou com nenhum dos locais pelos quais passou, como explica em outro vídeo do seu canal²³.

Julia conta ainda em seu vídeo que, apesar de ser uma pessoa extrovertida e sociável quando está entre pessoas de seu meio social, sofre de um problema de timidez ao falar em público. Para exercitar esse problema, a jornalista passou a gravar pequenos vídeos e publicá-los em modo privado em seu canal, permitindo somente seus amigos acessarem as publicações.

Ao assistirem os vídeos e perceberem que o conteúdo das mensagens poderia fazer sucesso entre outros jovens, seus amigos incentivaram Julia a colocar o canal em modo público para que pudessem compartilhar os vídeos com outras pessoas. Em alguns meses, os vídeos atingiram cerca de 20 mil visualizações, mas o grande estopim para a divulgação do canal foi o vídeo

²² <http://blogs.estadao.com.br/start/lideres-que-amamos-jout-jout-prazer/>. Acesso em novembro de 2015.

²³ <https://www.youtube.com/watch?v=ezxWrYwVv2U>. Acesso em outubro de 2015.

Não Tira o Batom Vermelho, publicado pela *vlogger* no dia 26 de fevereiro de 2015.

O vídeo em questão foi consequência de uma conversa sobre relacionamentos, que Julia teve com suas amigas, e que, mais tarde, externou em grupo fechado para mulheres no Facebook. Ao tomar esta atitude, a *vlogger* recebeu depoimentos de mulheres de todo o Brasil que passavam ou haviam passado por relacionamentos abusivos e que, por falta de informação, não sabiam que estavam sendo prejudicadas, abusadas e violentadas de alguma forma.

Julia viu então a necessidade de alertar as pessoas sobre como identificar um relacionamento abusivo, publicando o vídeo **Não Tira o Batom Vermelho** em seu canal, que já possui cerca de um milhão e meio de visualizações.

No canal, é possível encontrar ainda vídeos sobre outros assuntos cotidianos, como as angústias cotidianas vivenciadas pelos jovens (o primeiro emprego, a pressão dos familiares sobre o futuro profissional, ansiedades sobre a carreira etc.), conteúdos de humor, comportamento em redes sociais, entrevistas com os seus amigos, e, principalmente, assuntos que, até hoje, são vistos como tabus pela sociedade.

O conteúdo abordado por Julia em seus vídeos e perfis em redes sociais não tardou a conquistar o público feminista presente no Facebook, no Twitter e no YouTube. Embora, como dito anteriormente nesse trabalho, a *vlogger* não levante a bandeira do movimento, em recente entrevista²⁴ ao portal de notícias da Globo, ela admitiu ser simpatizante ao feminismo e defensora das causas por ele apoiadas.

Outros vídeos abordaram assuntos de conteúdo tão ou mais importantes do que este, como o vídeo feito por Julia para falar sobre os assédios que mulheres vivem desde a rua até o próprio ambiente de trabalho. Em outra ocasião, a *vlogueira* publicou um vídeo sobre a forma como a sexualidade feminina é vista como um tabu pela sociedade e como as mulheres se culpam pelo fato de serem objetificadas, quando, na verdade, os comportamentos machistas é que deveriam ser colocados em questão.

²⁴ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/06/youtuber-jout-jout-conta-que-ela-e-o-feminismo-se-encaixam-perfeitamente.html>

O que podemos observar nos vídeos de Julia é uma linguagem bastante didática e acessível. Na entrevista supracitada ao portal de notícias da rede Globo, ela explica que utiliza uma linguagem que "uma criança de 9 anos entenderia". Utilizando elementos simples para falar de assuntos complexos, ela consegue, portanto, transmitir a sua mensagem de acordo com os seus objetivos: facilitar o entendimento de seu público acerca de temas que, na maioria das vezes, são velados ou considerados polêmicos.

Embora a participação de Julia nas redes sociais contabilize grandes sucessos, um recente episódio trouxe à tona o aspecto abordado no primeiro capítulo deste trabalho, sobre as dualidades vivenciadas nos discursos apresentados nas plataformas digitais de relacionamento.

Após publicar um vídeo sobre assédio sexual contra mulheres, o canal da *vlogueira* ganhou ainda mais visibilidade devido ao número de compartilhamentos, que cresceu exponencialmente após a publicação. Em catorze dias, o vídeo intitulado **Vamos Fazer um Escândalo**²⁵ atingiu a marca de um milhão e quatrocentas mil visualizações.

O vídeo, entretanto, foi alvo de comentários negativos advindos de perfis que propagam o discurso de ódio contra o movimento feminista nas redes sociais. Em uma nota na sua página oficial no Facebook²⁶, Julia disse a todos que os discursos de ódio não a calariam, e que a produção de conteúdo para o seu canal continuaria normalmente.

Vista por muitos internautas e usuários de redes sociais como uma garota bem-humorada e divertida, Julia orgulha-se de seus vídeos, não somente pelo conteúdo, mas pela acessibilidade à informação e pelo encorajamento que tem causado em jovens e adultos de todo o Brasil, como explica em outra entrevista disponibilizada pelo portal do Correio Braziliense²⁷.

²⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=0Maw7ibFhls>. Acesso em novembro de 2015.

²⁶ <https://www.facebook.com/prazerjoutjout/posts/921320477905000>. Acesso em novembro de 2015.

²⁷ http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/11/09/interna_diversao_arte,505541/em-entrevista-ao-correio-a-youtuber-jout-jout-aborda-temas-femininos.shtml. Acesso em novembro de 2015.

Embora o fato de tornar-se uma influenciadora digital traga os anseios de responsabilizar-se pelo seu discurso público, Julia, assim como muitas mulheres, está consolidando a voz de uma geração que não se calará diante dos princípios machistas das sociedades patriarcais.

4.2 - Uma mancha de batom na luta pelos direitos iguais.

Quantas mulheres já foram apelidadas com termos pejorativos ou obscenos, ou foram ainda condenadas por seus parceiros por se comportarem de uma forma contrária aos padrões estabelecidos pela sociedade? Quantas, ainda, se calam diante de comentários hostis, de ameaças e assédios, por temerem reações violentas de seus companheiros? E, a principal pergunta: quantas têm consciência de que são diariamente violentadas dentro do próprio relacionamento?

Estas são as importantes questões levantadas por Julia em seu vídeo **Não Tira o Batom Vermelho**. A afirmação utilizada no título refere-se a um dos momentos em que a *vlogger* pergunta aos seus espectadores: "Seu companheiro, alguma vez, já falou para você limpar o batom vermelho da sua boca porque, segundo ele, você estava com cara de prostituta?"

A linguagem informal utilizada por Julia exemplifica de maneira clara e objetiva a sua intenção com o conteúdo logo no início do vídeo: explicar de maneira didática as formas de identificar um relacionamento abusivo. A jornalista utiliza termos do senso comum, cativando o seu público com naturalidade.

Esta análise da linguagem utilizada no vídeo é fundamental para compreendermos a realização do diálogo entre o emissor e seus espectadores. É através dela que poderemos identificar a pertinência da linguagem ao conteúdo e ao meio, ou seja, a adequação dos termos ao público para o qual o vídeo está direcionado. Embora Bardin aponte em seu livro questões voltadas para as mídias impressas, devemos aqui nos atentar à adaptação das linguagens para os novos meios e para as novas formas de comunicação advindas das tecnologias.

A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da descodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (Bardin, 1977, pp. 30-31)

O uso de uma linguagem adequada determina o público que será atingido pela mensagem. O que podemos observar no vídeo é que a forma utilizada por Julia para se comunicar com os seguidores de seu canal, é suficiente para transmitir a mensagem da forma exata como a *vlogueira* deseja ser compreendida.

O progresso dos meios de comunicação está pautado também sobre a evolução da linguagem dentro e fora das mídias. Assuntos complexos são colocados em livre discussão nas mais variadas plataformas midiáticas, abrindo espaço para a formulação e o compartilhamento de opiniões.

Logo no primeiro momento do vídeo, Julia declara que o conteúdo dos próximos minutos é sobre um assunto polêmico. No entanto, ela reforça a importância da mensagem ao dialogar com seus espectadores afirmando a necessidade de sua existência. Esse artifício de suspense em sua linguagem consegue ganhar a atenção de seu público em apenas 9 segundos que precedem a vinheta do canal, afinal, as discussões polêmicas são, em sua maioria, um dos maiores atrativos presentes nas redes sociais.

Julia não se alonga em explicações no início de seu vídeo. Após a apresentação da vinheta, a vlogger ocupa-se em contar as razões que a motivaram a gravá-lo, contando sua história sobre o primeiro contato com uma usuária do Facebook. Nesse momento, em especial, Julia utiliza sua linguagem corporal para expressar as emoções que este diálogo causou no momento da conversa, pois ambas compartilharam experiências de relacionamentos e chegaram à conclusão de que muitas mulheres poderiam passar ou estariam

passando por situações semelhantes. O enquadramento em primeiro plano durante o vídeo permite explorar expressões faciais e corporais da *vlogger*.

Ao explicar sua decisão de gravar o vídeo, a *vlogueira* explica que a necessidade de falar sobre relacionamentos abusivos parte do pressuposto de que muitas pessoas não têm a consciência de estarem inseridas em tal situação. A explicação, embora confusa, é adequada à linguagem escolhida por ela para descrever o assunto. Julia conta, ainda, que após entrar em contato com esta usuária, decidiu procurar outras histórias em um grupo voltado somente para mulheres no Facebook.

O relato de Julia sobre sua decisão tem uma curta duração. Em apenas um minuto, a forma sucinta de se comunicar permite com que seus espectadores entendam com exatidão qual será o conteúdo do vídeo, e ao descrever suas experiências de contato com outras pessoas, a *vlogueira* instiga a curiosidade do público, que deseja descobrir se estão ou já estiveram em um relacionamento abusivo.

No momento seguinte, Julia explica que os relacionamentos abusivos não estão limitados somente a comportamentos violentos de homens contra mulheres, e que tais relacionamentos não são exclusivos de relações heterossexuais, mas que o vídeo seria voltado às mulheres que sofrem abusos de seus parceiros, uma vez que as mesmas integram a grande maioria dos casos.

A curiosidade dos espectadores permanece instigada, pois Julia passa a utilizar perguntas e respostas para descrever os relacionamentos abusivos. A primeira pergunta feita por ela é: "como eu vou saber que estou em um relacionamento abusivo?". Esta pergunta é fundamental para compreendermos a importância deste vídeo como uma mensagem de incentivo às mulheres, pois logo em seguida, Julia afirma que é muito difícil enxergar-se em um relacionamento abusivo quando ele já existe.

A *vlogueira* esquematiza o vídeo de forma didática, levantando então alguns sinais de relacionamentos abusivos que podem ter a utilidade de fazer com que o público se identifique com as situações.

Julia passa então a questionar o seu público acerca de algumas situações em relacionamentos. Perguntas como "seu parceiro está te impedindo de sair com seus amigos?", "ele já mandou você tirar o batom porquê você estava com cara de prostituta?", "ele já controlou à distância as roupas que você usa?", "sempre que vocês brigam, de alguma forma estranha, você está sempre errada?", feitas em uma entonação informal, são prosseguidas de uma vinheta-resposta com trilha sonora chamativa, indicando as palavras "relacionamento abusivo" em caixa alta, movimentando-se em diferentes direções.

Após levantar essas questões (e respondê-las), Julia descreve alguns comportamentos que podem indicar que a mulher está em um relacionamento abusivo. Aqui, a linguagem utilizada pela *vlogueira* assemelha-se a um conselho amigável. Embora ela não conheça pessoalmente a grande maioria de seus espectadores, esse artifício de linguagem permite com que o público crie um laço com o conteúdo da mensagem, causando uma reflexão sobre suas próprias atitudes.

O ponto-chave do vídeo é identificado quando Julia relata o comportamento de uma pessoa abusada. Segundo ela, as mulheres que estão em um relacionamento abusivo tornam-se tristes, carregam um sentimento inexplicável de culpa e sentem-se incapazes de se desfazerem daquele relacionamento, uma vez que seus abusadores manipulam seus pensamentos de tal forma que jamais poderiam encontrar outra pessoa que as suportasse.

Muitos homens, como a *vlogueira* relata, sentem a necessidade de desqualificarem suas companheiras para exacerbar sua importância como figura masculina. Nestes casos, muitas mulheres vivem sob ameaças, violências e abusos psicológicos que podem trazer consequências para o resto de suas vidas.

Neste momento, é importante fazermos uma breve reflexão sobre a afirmação de Julia. O comportamento machista e misógino é utilizado por muitas pessoas como argumento para justificar a "cultura" dos relacionamentos. Quantas vezes já escutamos histórias semelhantes de mulheres que sofreram algum tipo de violência, e se opuseram a denunciar

seus agressores porque muitas vezes foram diminuídas ou culpadas por familiares e amigos?

Por fim, Julia traz uma reflexão sobre a dependência emocional gerada pelos relacionamentos abusivos. Grande parte das mulheres que estão inseridas nesse tipo de relação, tornam-se emocionalmente dependentes de seus parceiros, e passam a enxergar a felicidade e autorrealização somente quando estão com eles, como aponta a *vlogger*.

O último recado de Julia, entretanto, vai para os homens. Utilizando de uma linguagem corporal expressiva e uma entonação irônica, ela expõe o comportamento dos homens controladores como algo que ridículo e digno de piedade, enaltecendo o papel das mulheres ao se livrarem deste tipo de relacionamento para serem pessoas mais felizes, seguras, confiantes e independentes.

Entretanto, devemos atentar à correlação do conteúdo com os ideais feministas, que são o núcleo da problemática deste trabalho. Seria esta a forma de abordagem mais adequada para expor um assunto pautado em décadas de história da luta das mulheres por seus direitos? Francine Descarries aponta a importância das dimensões da militância feminista em diversas instâncias comunicacionais:

Para manter um "polo significativo de transformação social [...] em sociedades as mais diversas", muitas feministas propõem formular, sobre a base da experiência coletiva das mulheres da divisão e da hierarquia das relações de sexo, uma crítica comum das ideologias e das instituições sociais dominantes, apoiando-se sobre as experiências das diferentes minorias, para melhor desconstruir o sentido e a lógica da recondução das relações de poder. (Descarries, 2000, p. 33)

O que devemos concluir, portanto, é que, embora a dicotomia de discursos prevaleça dentro das redes sociais da internet, a militância feminista deve fazer-se presente em todos os meios de comunicação.

Os abusos sofridos nos relacionamentos estão apenas na superfície de um problema muito mais profundo. A opressão vivida ao longo dos anos nos moldes da sociedade patriarcal limitou os parâmetros de liberdade e calou a voz de muitas mulheres diante da violência. O que podemos observar com a inserção das redes sociais na internet. As plataformas digitais permitiram que os relacionamentos sociais estendessem o compartilhamento de experiências através de cidades, estados e países.

Utilizar uma linguagem adequada ao meio digital não diminui, portanto, a importância desta luta. Pelo contrário: é através de uma linguagem mais acessível que torna-se possível facilitar a transmissão da informação, cativando um público maior em menor tempo, incentivando-o a procurar outras opiniões e teorias sobre o assunto abordado.

Entender como se conhece, como se elabora a novidade com a qual nos defrontamos a todo instante no complexo mundo da informação em que vivemos, e como, ao fazê-lo, transformamos as mais sofisticadas teorias em matéria prima da mais banal conversa cotidiana; identificar a racionalidade contida no senso comum, reabilitando-o, são os pontos nodais do projeto epistemológico das representações sociais. (Arruda, 2000, p. 126)

A importância das teorias científicas feministas é fundamental para a compreensão global dos discursos externados nas discussões cotidianas. Embora Julia admita em sua entrevista ao portal de notícias da rede Globo (p.36) que não possuía conhecimento teórico para embasar os seus vídeos, a própria vlogger procurou entender melhor as teorias abordadas por trás dos assuntos de seus vídeos.

O discurso, porém, ao tornar-se público e mais acessível, está mais suscetível aos discursos de ódio, às críticas pouco infundadas e às opiniões do senso comum. É importante ressaltar que, embora o vídeo possua, em sua maioria, comentários e respostas positivas, os comentários negativos foram responsáveis por gerar novas discussões acerca da liberdade das mulheres.

Para os grupos conservadores tudo isso parece muito subversivo e ameaça atingir e perveter, também, conceitos, valores e "modos de vida" ligados às identidades nacionais, étnicas, religiosas, de classe. (Louro, Pedagogias da Sexualidade, 2000)

Temos, então, as hipóteses deste trabalho: é possível afirmar que o conteúdo do vídeo **Não Tira o Batom Vermelho** beneficia o movimento feminista dentro das redes sociais da internet? É pertinente utilizar os termos abordados por Julia para criar uma conectividade com o movimento feminista?

Diante das experiências descritas por Julia em seu vídeo, podemos dizer que a importância de seu discurso está pautada, principalmente, na exposição das mulheres como protagonistas de suas próprias histórias. Embora muitas não se identifiquem em um relacionamento abusivo, Julia mostra que não há nenhum equívoco em ser o personagem principal na luta contra os abusos sofridos em seus relacionamentos.

Embora a afirmação anterior pareça óbvia de certa forma, muitas mulheres possuem apenas o conhecimento patriarcal de um relacionamento saudável, ou seja, um conhecimento em que a verdade absoluta está somente nas mãos de seu parceiro.

Relatar situações de violência psicológica, violência sexual e assédio moral coloca Julia muito próxima às questões feministas sobre o direito à liberdade de expressão das mulheres. Expor essas situações com exemplos cotidianos reforça o protagonismo das mulheres na luta contra a ideologia patriarcal.

Como observado nas reportagens e entrevistas sobre a *vlogger*, muitos jornalistas a associam deliberadamente ao feminismo, ao passo que a própria Julia não o nega. Seus princípios ideológicos caminham juntos. Julia é a favor de toda forma de se expressar, de toda luta contra a opressão das mulheres e de todo movimento a favor da liberdade das mesmas.

Assim como Julia retrata em seu vídeo, devemos aqui atentar aos conceitos de violência psicológica e violência sexual para prosseguirmos com este trabalho.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a violência psicológica é a forma mais presente de agressão contra as mulheres. O artigo 7º da Lei nº 11.340 categoriza a violência psicológica como:

Qualquer conduta que cause dano emocional ou prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação da mulher; diminuição, prejuízo ou perturbação ao seu pleno desenvolvimento; que tenha o objetivo de degradá-la ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, exploração, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio.

Entretanto, para a efetivação dos direitos assegurados pela Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), é necessário que haja o registro de ocorrência sobre tal crime. Psicólogos afirmam que este é o maior desafio enfrentado pelas mulheres que sofrem este tipo de abuso. Muitas delas não identificam a importância de denunciarem esse tipo de violência, enquanto outras, ao procurarem uma delegacia, são coagidas pelos próprios agentes da lei a não registrarem ocorrências "banais".

O trabalho feito por Julia na abordagem desses aspectos em seu vídeo é de fundamental importância para que as mulheres tenham consciência sobre a gravidade de um relacionamento abusivo. Mais ainda: Julia ressalta que a violência não se trata apenas de um dano físico, mas um prejuízo moral que pode vir a tornar-se irreversível.

Esse incentivo ao protagonismo das mulheres é, portanto, a raiz da problemática levantada e solucionada pela autora do vídeo. Ao trazer

elementos de relacionamentos abusivos, Julia não se limita a apenas expor as experiências, mas estende o conteúdo para formas de se livrar de tais tipos de abuso.

Ao identificar-se como protagonista de um relacionamento abusivo passado, Julia procurou exaltar este problema levando em consideração as experiências de outras mulheres que também haviam vivenciado as mesmas situações, procurando ater-se às histórias de cada uma.

Encontrando na produção audiovisual uma forma mais objetiva de ser compreendida, a *vlogger* formulou seu discurso através de uma linguagem que favorecesse seus ideais e os explicasse da melhor forma, impulsionando sua mensagem ao público. Bardin ressalta em seu livro a importância da forma do discurso do emissor:

O discurso está situado e determinado não só pelo referente como pela posição do emissor nas relações de força e também pela sua relação com o receptor. O emissor e o receptor do discurso correspondem a lugares determinados na estrutura de uma formação social. (Bardin, 1977, p. 214)

Sendo assim, podemos avaliar o fenômeno da mensagem explanada por Julia sob a ótica das teorias feministas sem o receio de utilizarmos referências equivocadas. Não apenas o vídeo como grande parte do conteúdo explorado pela *vlogger* em seu canal estão em concomitância com os ideais defendidos na luta do feminismo moderno, ainda que não possa ser incluído na tradição das pesquisas e teóricas dos estudos feministas e de gênero.

Considerações Finais

Esta monografia nos leva a concluir que o âmbito das redes sociais é veementemente explorado pelos seus usuários para compartilhar e defender suas opiniões. Podemos dizer, portanto, que a internet é uma nova forma de extensão do homem, como afirmou Marshall McLuhan em seu livro "Os meios de comunicação como extensão do homem". A rápida dispersão de informações permite, portanto, que opiniões sejam diariamente enfrentadas, construídas e desconstruídas em diversos patamares.

Ao analisarmos, especificamente, a representatividade do YouTube na propagação de discursos e opiniões, encontramos uma forma livre e gratuita de transmitir um conteúdo audiovisual para todo o mundo. Por ser uma rede social que permite a postagem de comentários nas publicações dos usuários, é possível afirmarmos que, assim como o Facebook e o Twitter, ele também está incluso entre as redes sociais de maior influência na internet.

Devemos ponderar que essa livre interação entre usuários nem sempre é capaz de gerar comentários e opiniões positivas, construtivas ou respeitadas. Muitas vezes, as redes sociais da internet são responsáveis por serem o palco de discursos de ódio, voltados principalmente para os movimentos liderados pelas minorias das sociedades (mulheres, negros, homossexuais etc.).

A disseminação de discursos de ódio nas redes sociais da internet é fruto de seu desenvolvimento pouco fiscalizado e muito desorganizado. O anonimato virtual é uma questão muito debatida pelos próprios usuários, pois é através dele que muitas pessoas se escondem para propagar mensagens de ódio. A criação de uma conta, em quaisquer redes sociais, possui uma verificação precária de identidade do novo usuário, permitindo, portanto, a criação de um novo personagem que pode ou não ser verdadeiro.

Não devemos, porém, ater à visão pessimista desta realidade. As redes sociais da internet são responsáveis, também, por facilitar a acessibilidade de informações ao público. Muitas pessoas que repetiam discursos de ódio contra os movimentos sociais das minorias, graças à internet e aos diálogos

publicados nas redes sociais, puderam conhecer melhor os ideais de tais movimentos, desconstruindo as opiniões calcificadas em seus pensamentos.

Assim, portanto, devemos enxergar um cenário otimista para o futuro dos Estudos Feministas e de Gênero. Verifica-se que o feminismo está desenvolvendo a sua participação através de sites, blogs e conteúdos voltados para redes sociais, como vídeos para o YouTube, páginas no Facebook e perfis no Twitter que se disponibilizam a explicar as bandeiras defendidas pelas mulheres defensoras do movimento.

Além disso, graças ao contato direto entre usuários, o compartilhamento de experiências entre mulheres dentro das redes sociais está promovendo a empatia entre elas mesmas. Mulheres que há algum tempo não eram encorajadas a clamar pelos seus direitos, denunciar abusos sexuais e psicológicos, hoje encontram incentivo de outras mulheres, que se disponibilizam a escutarem suas histórias e até a auxiliarem-nas a encontrar a melhor forma de solucionarem o problema.

Por ser um fruto deste contato entre pessoas em uma rede social, o vídeo **Não Tira o Batom Vermelho** é o objeto de estudo deste trabalho. Através dele, Julia Tolezano permitiu que outras mulheres compartilhassem suas histórias de relacionamentos abusivos com o resto do mundo, pois ao se identificarem com o vídeo, muitas perceberam que é preciso dar um basta em atitudes e pensamentos que as oprimem.

Encorajadas por um vídeo de apenas oito minutos e meio, mulheres de todo o Brasil se dispuseram a relatar suas histórias e encorajar suas amigas, familiares e até desconhecidas a fazerem o mesmo. Mulheres de todo o mundo decidiram que não iriam mais tirar o batom vermelho para agradar aos companheiros, bem como se conscientizarem de que as noções de beleza e de bom comportamento não são camisas de força as quais devam submeter-se sem questionamentos.

Julia disseminou um grande propósito defendido pelo movimento feminista, levando ao conhecimento de muitas mulheres o próprio direito de negar as imposições que lhes são impostas diariamente.

Sendo assim, o que podemos afirmar é que a publicação deste vídeo não foi apenas uma ferramenta para identificar um relacionamento abusivo, mas também um importante marco no ativismo digital em busca dos direitos pela liberdade da mulher. O vídeo "Não Tira o Batom Vermelho" trouxe à tona questões que são equivocadamente tratadas como comportamentos normais, mas que, na verdade, são formas de inibir os direitos das mulheres.

O vídeo, portanto, colaborou com o movimento feminista de tal forma que seu compartilhamento possibilitou uma maior acessibilidade à informação sobre os direitos das mulheres de exporem suas opiniões, de negarem relacionamentos prejudiciais em detrimento à própria felicidade, encorajando-as a posicionarem-se publicamente.

Referências Bibliográficas

Aguilhar, L. (s.d.). *START - Inovação e tecnologia no mundo das startups*.

Acesso em 11 de novembro de 2015, disponível em Estadão:

<http://blogs.estadao.com.br/start/lideres-que-amamos-jout-jout-prazer/>

Arruda, A. (2000). Feminismo, gênero e representações sociais. *Feminismo: Teorias e perspectivas* .

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Brito, E. (s.d.). *Vida Digital*. Acesso em 16 de novembro de 2015, disponível em Tech Tudo: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/04/twitter-recupera-e-cola-no-instagram-em-total-de-usuarios-302-milhoes.html>

Burgess, J., & Green, J. (2009). *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph.

Descarries, F. (2000). Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural. *Feminismo: teorias e perspectivas* .

Diversão e Arte. (s.d.). Acesso em 18 de outubro de 2015, disponível em Correio Braziliense: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/12/20/interna_diversao_arte,228543/depois-da-febre-dos-blogs-e-dos-fotologs-a-nova-moda-sao-os-videologs.shtml

Dumas, V. (s.d.). Acesso em 15 de novembro de 2015, disponível em Scientific American Brasil:

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_internet.html

G1. (s.d.). *G1*. Acesso em novembro de 2015, disponível em Globo.com:

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/mundo-tem-32-bilhoes-de-pessoas-conectadas-internet-diz-uit.html>

Hall, S. (1981). Notes on Deconstructing the Popular. *People's History and Socialist Theory* , p. 239.

Helton Simões Gomes, T. R. (s.d.). *G1*. Acesso em 15 de novembro de 2015, disponível em Globo.com: <http://especiais.g1.globo.com/tecnologia/banda-larga-brasil/2015/>

IBOPE. (s.d.). *Notícias*. Acesso em 18 de outubro de 2015, disponível em IBOPE: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-no-brasil-chega-a-105-milhoes.aspx>

Lee-Meddi, J. (s.d.). *Virtuália, o Manifesto*. Acesso em 14 de outubro de 2015, disponível em Blogspot: <http://virtualiaomanifesto.blogspot.com.br/2010/02/as-sufragistas-mulher-e-o-direito-ao.html>

Lin, N. (2010). *Social capital: a theory of social structure and action*. Oxford.

Louro, G. L. (1997). A emergência do gênero. In: G. L. Louro, *Gênero, Sexualidade e Educação* (pp. 22-23). Petrópolis: Vozes.

Louro, G. L. (2000). Pedagogias da Sexualidade. In: G. L. Louro, *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade* (pp. 1-2). Belo Horizonte: Autêntica.

Mendes, L. (s.d.). *G1*. Acesso em 11 de novembro de 2015, disponível em Globo.com: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/06/youtuber-jout-jout-conta-que-ela-e-o-feminismo-se-encaixam-perfeitamente.html>

Moscovici, S. (1961). *La Psychanalyse, son image, son public*. França: Année.

Mulheres, S. d. (s.d.). *SPMulheres*. Acesso em 11 de novembro de 2015, disponível em Facebook: <https://www.facebook.com/SPMulheres/>

Neto, F. (s.d.). *Felipe Neto*. Acesso em 18 de outubro de 2015, disponível em YouTube: <https://www.youtube.com/user/felipeneto>

Recuero, R. (2012). A Rede é a Mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. *Lo que McLuhan no Previó*, pp. 205-223.

Recuero, R. (2009). *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Meridional.

Rios, R. (s.d.). *Diversão e Arte*. Acesso em 6 de novembro de 2015, disponível em Correio Braziliense:

<http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e->

arte/2015/11/09/interna_diversao_arte,505541/em-entrevista-ao-correio-a-youtuber-jout-jout-aborda-temas-femininos.shtml

Siqueira, P. C. (s.d.). *Mas, Poxa Vida*. Acesso em 18 de outubro de 2015, disponível em YouTube: <https://www.youtube.com/user/maspoxavida>

Swain, T. N. (2000). A Invenção do Corpo Feminino ou "A Hora e a Vez do Nomadismo Identitário?". *Feminismos: Teorias e Perspectivas*, pp. 47-84.

Tolezano, J. (s.d.). *Jout Jout Praer*. Acesso em 11 de novembro de 2015, disponível em YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=l-3ocjJTPHg>

Tolezano, J. (s.d.). *Jout Jout Prazer*. Acesso em 5 de novembro de 2015, disponível em Facebook: <https://www.facebook.com/prazerjoutjout/posts/921320477905000>